



CONFERÊNCIA EUROPEIA DA FEDERAÇÃO DAS EX-ALUNAS

1 abril 2023 Valdocco Turim

SER UM ENTRELAÇAR DE RELACIONAMENTOS

Federica Storace

Bom dia. Obrigado pelo vosso acolhimento e pelo convite. Fico feliz em ter uma reunião presencial, após a pandemia, e conversar juntos sobre RELACIONAMENTOS.

Não creio que haja um tema mais adequado, enquanto saboreamos novamente a alegria de nos encontrarmos, para repensar o nosso "ser família" nas obras em que trabalhamos, nas Federações, na Associação mundial e na realidade multiforme que nos espera para além do limiar dos nossos ambientes salesianos.

Numa sociedade em contínua e rápida mudança, na qual todos somos chamados a ser «presença», de luz e de sal, talvez nos recordemos de Jesus também esta manhã.

Não é por acaso que, é precisamente à passagem do tempo que se refere a canção de Ivano Fossati (1) com que iniciámos o nosso encontro: um tempo feito de valores carismáticos, com raízes fortes, mas destinado a caminhar para o futuro e a fazer-nos mover.

OS RELACIONAMENTOS

São definidos e descritos de inúmeras maneiras, por ilustres estudiosos, em ensaios, artigos e vocabulários (2).

Escolhi uma, entre muitas, do filósofo Emmanuel Lévinas:

"No simples encontro de um homem com outro, está em jogo o essencial, o absoluto: na manifestação, na 'epifania' do rosto do outro, descubro que o mundo é meu na medida em que posso partilhá-lo com o outro. E o absoluto joga-se na proximidade, ao alcance do meu olhar, ao alcance de um gesto de cumplicidade ou agressão, de aceitação ou rejeição". (3)

O relacionamento é, portanto, o encontro com o outro e a vontade de construir laços com as pessoas: não são cadeias, mas portas, espaços de liberdade responsável e partilha livre.

Numa realidade social e cultural cada vez mais orientada para o egoísmo indiferente e para o narcisismo das aparências, a relação autêntica pressupõe alguns elementos fundamentais:

- O acolhimento e a escuta do outro, especialmente "escutar o coração", como recorda o Papa Francisco (língua gestual: anedota)
- Cuidar concretamente do outro ("O Bom Samaritano" é sempre um grande mestre!) (4)
- A capacidade de acolher e valorizar as diferenças como uma riqueza.

E, quando se trata de relacionamentos, tocamos, entre muitos, em pelo menos três outros pontos cruciais:

a família, a comunicação e a fraternidade.



A família

Volto ao tema da família, que sei ter sido abordado ontem, para oferecer um novo ponto de partida para reflexão.

Todos aprendemos a relacionarmo-nos com as pessoas, desde cedo, naquele ginásio muito importante que é a nossa família. É a partir dos valores, dos exemplos, dos ensinamentos recebidos, em primeira instância, no contexto familiar, que, pouco a pouco, amadurecemos a capacidade de estabelecer e gerir relações com os outros.

E esta dimensão, vivida também pelos nossos Santos Fundadores, regressa como elemento constitutivo do nosso carisma, do "Sistema Preventivo" e do nosso ser "Família Salesiana", uma família decididamente alargada, composta por 32 grupos, espalhados pelo mundo.

Portanto, não pode faltar uma referência específica ao tema da família HOJE.

Diferente da do passado e da realidade com que somos chamados a confrontar.

Estamos conscientes das muitas dificuldades vividas nas famílias que inevitavelmente recaem sobre gerações de rapazes e raparigas, os nossos interlocutores prioritários em todo o lado. Jovens, demasiadas vezes, marcados pela pobreza, fragilidade e sofrimento que nos desafiam como adultos, como cristãos, como educadores, especialmente como salesianos. E, por último, mas não menos importante, enquanto cidadãos, porque outro aspeto que não deve ser esquecido é o impacto de todos estes problemas no atual tecido social, educativo, institucional, sanitário e económico.

Penso que é importante interrogarmo-nos sobre a família, ou melhor, sobre as famílias, porque, hoje, têm muitos rostos e experiências diferentes.

Nós, que "somos família", devemos estar conscientes de que as famílias são um bem muito precioso, insubstituível, a ser compreendido, valorizado e com as quais interagir em sintonia com as mudanças que as tocam e transformam.

Tenha cuidado, acima de tudo, para não cair na armadilha de "*Já não existem as famílias bonitas de antigamente*" (uma afirmação da qual há algo a reclamar).

Porque, ao permanecermos ancorados num passado que já não existe, arriscamo-nos a não apreender o potencial presente mesmo no desconforto de hoje e a não saber compreender os desafios do presente destinados a transportar-nos e, mais ainda, às gerações mais jovens, para o futuro.

«Amar a família, ter no coração todo o bem que ela representa na vida dos indivíduos e da sociedade, significa confiar que esse bem, precisamente porque está enraizado nas profundezas das relações mais importantes, não pode ser posto em causa. Será novo, diferente, surpreendente na forma, mas na substância sempre o mesmo. Sempre família»(4).



A Comunicação

A relação só se torna viva e real quando comunica, ou seja, cria-se um contexto de **escuta mútua e de diálogo**. Ao qual é necessário acrescentar o ingrediente indispensável, para ser usado não "Quanto Basta", como as receitas culinárias costumam indicar, mas com abundância, sempre e em qualquer caso, mesmo que seja difícil encontrar nas prateleiras dos nossos supermercados interiores: o **perdão**.

«Ninguém está verdadeiramente aberto a um diálogo construtivo se não estiver aberto àquele desarmamento incondicional do coração que se chama perdão (5).

Em segundo lugar, temos de considerar os canais de comunicação que são muitos. A tecnologia fornece-nos ferramentas cada vez mais sofisticadas: todas úteis, mas, ao mesmo tempo, arriscadas se mal utilizadas e que não podem, em caso algum, substituir o valor da "presença", do olhar e do rosto do outro.

É importante educarmo-nos e educar para sermos capazes de distinguir criticamente o que é a dimensão virtual da dimensão real. Neste momento, é um tema sobre o qual devemos refletir com cuidado, porque nos toca muito de perto.

As relações "viajam" nas redes sociais, sobretudo aquelas que vêem os jovens como protagonistas, e estão a espalhar, de forma cada vez mais preocupante, fenómenos de condicionamento, episódios de agressão que degeneram desencadeando o ódio e formas reais de violência (bullying, cyberbullying, stalking, incitamento ao suicídio). Uma realidade virtual paralela, desonesta e perigosa que envolve até um grande número de adultos (e este é outro facto alarmante e crescente). Um mundo em que vítimas e carrascos não podem ser claramente delineados porque a distinção moral entre o que é bom e o que é mau, o que respeita a dignidade da pessoa e o que a destrói, numa perda total de responsabilidade pessoal, no desaparecimento da individualidade que está escondida nas «massas», é labial, se é que já não desapareceu, entendido no sentido mais deletério do termo (4). E este contexto, em que também aparecem pesquisas sobre inteligência artificial, incide também sobre os relacionamentos, sobre o nosso dia a dia, e exige sabedoria, prudência, atenção e aquisição de novas competências.

A Fraternidade

As relações que se concretizam com disponibilidade sem julgamentos e preconceitos, dando atenção às necessidades e cuidado de todos, com a escolha de procurar e gerar o bem em todas as circunstâncias, dão vida à solidariedade, à dimensão de fazer-se dom.

Mais uma reflexão que nos desafia como indivíduos e como membros da comunidade, de cada comunidade.

Porque o cansaço, a tenacidade e, sobretudo, a renúncia em dar e dar-se aos outros, são todos considerados, pela maioria, como desvalores: as características típicas dos perdedores.

A este respeito, parece oportuno referirmo-nos a uma palavra que tem hoje um eco muito amplo, mas que está a assumir um significado que nos deve chamar a atenção. Meritocracia.

Em tempos, o mérito era um valor: um estímulo para crescer e melhorar. Um objetivo educacional.

Tinha-se consciência de que se tinha recebido dons e sentia-se responsabilidade por fazê-los frutificar. A partir daqui, e num quadro mais amplo de valores, inseria-se empenho, esforço, paciência e, muito



importante, gratidão (as nossas "Festas da Gratidão") foram também inseridos num quadro de valores mais amplo. Devolver o que foi recebido, de mil maneiras diferentes, aos outros abriu caminhos de solidariedade para com aqueles que eram mais fracos ou, por qualquer motivo, desfavorecidos.

"Falar de mérito é falar de gratuidade (...). A meritocracia, por outro lado, está-se tornando a religião do nosso tempo, cujos dogmas culpam os pobres e louvam a desigualdade. No século XX, na Europa, combatemos a desigualdade como algo ruim; no século XXI bastou mudar de nome (meritocracia) para transformar a desigualdade do vício em virtude pública" (5).

Usando as palavras do meu amigo Padre Christian Carlassare, bispo da diocese de Rumbek, no Sudão do Sul, mas que também são muito boas para a nossa Europa:

«O tecido social não pode ser reconstruído por aqueles que cultivam o ódio e o ressentimento, mas com pessoas que se identificam com as fraquezas dos outros e que rejeitam a criação de uma sociedade de marginalização e divisão, e que, pelo contrário, trabalham para elevar os caídos, que têm no coração a dignidade de cada um e do bem comum» (5).

Por isso, as nossas relações fraternas devem também preservar e dedicar especial atenção ao combate a todo o tipo de desigualdades, em favor de uma solidariedade criativa e sem entraves. O que, brincando em casa, chamamos de "razão", "religião", "amor-bondade", traduzido para os dias atuais.

Podemos, portanto, pensar as relações em 4 níveis distintos, mas ligados e sequenciais:

a relação conosco próprios;

as relações no seio da Associação, aos seus vários níveis;

a corresponsabilidade, isto é, as relações que nós, leigos, vivemos com os consagrados e consagradas com quem trabalhamos;

as relações exteriores à Associação, isto é, onde somos chamados a construir um entrelaçamento fecundo com o «mundo exterior».

Para ser uma pessoa de relacionamento é necessário, sempre, para todos, um grande trabalho pessoal, em si mesmo. Além disso, hoje mais do que no passado, é útil dedicar tempo à formação, à informação, à atualização, antes de mais nada à oração.

O próximo passo leva-nos a refletir e avaliar a qualidade das relações dentro das nossas realidades locais, federais e associativas. Um olhar que, da equipa, dá o primeiro passo para a dimensão interpessoal fora do nosso "núcleo" mais estreito.

Outro passo, tipicamente salesiano, é o da corresponsabilidade. Uma profunda e autêntica partilha, humana, espiritual e operacional, entre as FMA e os SDB e os leigos que formam a mesma família. Um estilo, uma mentalidade que coloca ao mesmo nível, vocações, sensibilidades, experiências diferentes, mas complementares. Como é a nossa "corresponsabilidade"? É uma interação real, fraterna, respeitosa, pessoal e associativa? Está a caminhar para objetivos e ações partilhadas ou ainda somos prisioneiros de uma mentalidade hierárquica e piramidal? A corresponsabilidade é apenas uma palavra sobre os documentos ou podemos realmente vivê-la enriquecendo-nos uns aos outros?

Finalmente, ex-alunos que saem, como nos convida a Igreja, neste tempo de caminho sinodal.



Motivados para tecer relações nas mais diversas áreas, capazes de criar redes de comunicação e ação concreta de acordo com os contextos em que vivemos e operamos.

Trata-se de um vasto leque de ações nas realidades mais heterogêneas: política/institucional, cultural, socioeducativa, económica, do terceiro sector, das dioceses e do mundo não católico, com particular atenção à **interdisciplinaridade** que favorece o diálogo e o confronto entre fé e diferentes credos. Uma prerrogativa especial e única dos Ex-Alunos de toda a Família Salesiana. Ser capturado e feito florescer no seu melhor para construir um futuro de paz.

UM OLHAR SOBRE O FEMININO

O potencial de ser mulher: da antiguidade ao estilo de Mornese

Durante séculos é, sobretudo a mulher especialista em tecer relações (sem tirar nada aos homens que têm outras capacidades e uma sensibilidade diferente).

Pelas suas características específicas, pela propensão para se colocarem numa atitude de disponibilidade, de aceitação, como o ventre materno se torna acolhedor quando guarda uma nova vida, as mulheres sempre foram capazes de compreender dinâmicas e situações, (há sempre a exceção à regra: não somos perfeitos!) de saber esperar pelos momentos certos suavizando a rigidez para favorecer encontros ou remendar lágrimas e pausas.

Mestres do conserto humano e não só do linho, tecelões da humanidade e não só dos lençóis, mulheres que amassam farinha para fazer nascer o que alimenta: o pão.

"O reino dos céus é como fermento, que uma mulher tomou e misturou em três medidas de farinha, até ser tudo fermentado" (5).

Era tradicional que as mulheres se dedicassem às tarefas domésticas, mas parece-me que podemos apreender uma apreciação da feminilidade nestas palavras de Jesus que também recordam a Estreia deste ano (6).

Uma mulher suja as mãos com farinha e trabalha aquele fermento que, agindo silenciosamente, fermenta a massa.

Jesus, numa sociedade em que as mulheres tinham um papel subordinado em relação ao dos homens, relaciona-se com as mulheres, fala com elas, reveste-as daquela dignidade de que a cultura, a religião e a sociedade da época lhe privava. Tantas mulheres. Neste momento, tenho a certeza, que a cada uma de nós, está a passar diante dos nossos olhos.

As mulheres permanecem debaixo da cruz e são precisamente as mulheres as primeiras a anunciar a ressurreição. Não é por acaso, talvez, para explicar a criação do Reino de Deus no mundo, o Senhor serve-se desta imagem culinária: uma mulher que amassa e trabalha até que toda a farinha tenha subido (num tempo em que não havia nem a Bimby nem a batedeira!).

Mulheres, seculares, abertas às relações e protagonistas do crescimento do Reino de Deus, aqui e agora.

E nós, hoje, que mulheres somos? Até que ponto sabemos preservar a esperança de que a massa em que colocamos as mãos, a alma, o tempo, se levante e se torne pão?



Antes de darmos respostas, vamos dar um passo atrás no passado para repensar as raízes, o carisma precioso dos nossos santos fundadores que permanece, em nós, como ADN constitutivo, apesar do passar do tempo, especialmente no campo das relações, e nos oferece novos pontos de vista com os quais olhar para o futuro.

Maria Domenica Mazzarello, Maín. (7)

Mulher e leiga durante a maior parte da sua vida.

Nasce em 1837 em Mornese, primeira filha de uma família camponesa animada por uma fé autêntica, entra na vida real.

Maria é vivaz, inteligente, espirituosa. Ela tem, como dizem, um "bom caráter", mas logo entende a necessidade de melhorar alguns aspetos de sua natureza: impulsividade, irritabilidade, a linguagem pronta para responder. E não sem esforço. Esforça-se por mudar, por ganhar paciência, mansidão, todas as virtudes que a levam ao encontro e à relação com Deus e com os outros, num caminho de «formação pessoal contínua».

Ela aprende bem cedo a apressar-se com as tarefas domésticas, por isso o cuidado e atenção às necessidades daqueles ao seu redor. Como quase todas as mulheres da época, ela era analfabeta, mas seu pai lhe ensinou o básico para ler, escrever, contar: ela aprendeu o valor da cultura.

Profundamente enraizada nos ritmos da vida rural, viveu a importância da laboriosidade e sobriedade, da tenacidade num contexto de trabalho e cansaço (em Valponasca, em 1843, pediu ao pai que lhe fizesse trabalhar nas vinhas).

Depois, como sabemos, vem a cólera. Saúde comprometida. Mas, o que poderia ter sido uma paragem definitiva, torna-se um recomeço. A jovem não desiste, observa e compreende as dinâmicas e necessidades da realidade em que vive e nasceu a ideia do Laboratório, que mais tarde se tornou no Oratório, o Colégio.

Pano, agulha e linha, a partir desse momento, teriam feito de Maria Domingas uma verdadeira empresária cujo objetivo era claro desde o início: para as jovens ela ensinaria um ofício num contexto educacional que formaria boas cristãs e mulheres práticas e com alguma base cultural.

A vida de Maria Domingas é toda centrada nas relações: primeiro, consigo mesma, com Deus, na família, e com o diretor espiritual. Depois, com a irmã, as amigas, as jovens da "Pia União das Filhas da Imaculada", com quem partilha o seu sonho num contexto de amor fraterno (não sem alguns episódios de inveja e mau humor).

Finalmente, as relações tornam-se um entrelaçamento de relações, voltadas para fora, que se expandem do Laboratório para uma realidade cada vez mais ampla. Como boa gestora, Maria envolveu a inseparável Petronilla e o P. Pestarino no seu grupo empresarial. Depois, o alfaiate da aldeia, Valentino Campi, de quem as duas jovens aprenderam o ofício, para dizer a verdade, coisa pouco invulgar, que as raparigas fossem a uma loja de homens.

Enquanto teciam relações com as meninas que frequentavam o Laboratório, a rede expandia-se cada vez mais: chegavam às mães que lhes confiavam suas filhas e, por sua vez, aos pais, portanto, às



famílias locais e às das localidades mais ou menos vizinhos. Maria Domingas e Petronilla dividiam-se, de fato, entre o cuidar das meninas e a procurar trabalho mesmo nas áreas vizinhas, tanto que não faltava à sua atividade, as encomendas e até mesmo a autonomia económica mesmo num estilo de vida extremamente sóbrio, mas de sincera alegria, afeto, intuições educacionais inovadoras para a época.

Até ao encontro com D. Bosco: aquela associação da qual nascerá a Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora, que continuará, mesmo depois da sua morte prematura, a levar por diante o desígnio de Maria Domingas sabendo captar os sinais dos tempos sempre com o estilo da bondade amorosa e da familiaridade.

Apenas dois exemplos. Com o agravamento do fenómeno migratório, as FMA ocupar-se-iam de dar um mínimo de formação básica aos italianos forçados a deixar a sua terra natal para chegar, muitas vezes, à América do Sul, onde os missionários salesianos já haviam chegado.

Com o desenvolvimento industrial, especialmente do setor têxtil, no norte da Itália, entre o final do século XIX e o início de 1900, as Filhas de Maria Auxiliadora não se limitarão a administrar seus colégios lotados. Com base na alteração do quadro económico e social, darão vida, com contratos reais, à criação de internatos dentro das fábricas. Uma novidade absoluta para a época. As moças, que se haviam tornado operárias, eram acompanhadas pelas irmãs tanto no seu pouco tempo livre, naqueles internatos que se tornaram casa no verdadeiro sentido do termo, quer durante o horário de trabalho. Nas fábricas as FMA, serão figuras de apoio, formação e assistência dos jovens trabalhadores, presença apreciada pelos empresários com quem se relacionarão constantemente mesmo em momentos de tensão, durante as greves. As consequências educativas e sociais serão importantes e significativas. Entrelaçamento de relações frutíferas.

Dom Bosco, Joãozinho (8)

João Bosco nasceu em Castelnuovo d'Asti em 1815, filho de seu pai Francisco Bosco e de sua mãe Margarida Occhiena. Também filho de camponeses cristãos, habituados ao trabalho e à fadiga. Com a morte súbita de Francisco, Margarida assume oficialmente as rédeas da gestão da família que cuida de outras duas crianças e da sua avó paterna, Margarida Zucca, uma mulher doente a necessitar cuidados.

Um começo difícil para Joãozinho que tem a sorte, no entanto, de crescer sob a orientação de uma educadora extraordinária, sua mãe, exigente e terna, corajosa e sábia. Mulher de fé rigorosa que põe em prática a caridade e a misericórdia apesar da miséria, das dificuldades que gere diariamente. A primeira professora de Dom Bosco. A primeira que cuida da sua formação humana e cristã. A primeira que o orienta na relação com os outros.

Traquina, vivaz e empreendedor, também João aprende logo a assumir suas responsabilidades e sua inteligência brilhante é notada. Depois de várias vicissitudes, o menino chega à escola. Entretanto, entretinha os seus companheiros e camponeses da zona, encantando-os com truques de magia, espetáculos, competições nos prados coroados pela oração ou reflexões sobre o Evangelho.

Quando Mãe Margarida é forçada a retirar o filho de casa, começa para aquele menino que se tornará o Santo dos jovens, a época de confronto com o mundo exterior, o que, no seu caso, será verdadeiramente um horizonte fecundo de extraordinária amplitude.



Marcarão a formação pessoal e espiritual de João, o encontro com o P. Calosso, o P. Cafasso, o Pe. Borel, vários outros sacerdotes, mas, entre os que o ajudarão a entrar no seminário, há um leigo: Evasio Sávio, um humilde artesão de Castelnuovo que "não se contentou em apreciar a sombra da torre do campanário, mas empenhou-se em todas as obras que contribuíram para o bem" (9). Ferreiro, ensinou ao jovem os rudimentos do ofício e foi ele que trabalhou de mil maneiras para aquele menino especial: foi também graças à intuição deste ferreiro que Dom Bosco abandonou a ideia inicial de entrar na Congregação Franciscana escolhendo a formação diocesana.

São inúmeros os encontros, extraordinária a capacidade de Dom Bosco, em qualquer época da sua vida, de entrar numa relação empática, autêntica e clara com as realidades mais heterogêneas imagináveis: criar relações entrelaçadas. É impossível mencioná-los todos.

Uma vez em Turim, também ele, tal como Maria Domingas em Mornese, compreendeu imediatamente as urgências do contexto económico e social de uma cidade que vivia a sua primeira revolução industrial e era o destino e, muitas vezes, a condenação de muitas crianças e jovens abandonados a si próprios, analfabetos, pobres, explorados, destinados a tornarem-se delinquentes.

Conhecerá os primeiros nas Prisões do Senado e na "La Generala" (9): a partir desse momento o misterioso caminho, que começou com o sonho de nove anos, começará a materializar-se.

Homem de relacionamento com os seus primeiros jovens, com quem partilhou tudo, a ponto de vários deles se tornarem os seus primeiros salesianos, Dom Bosco continua a ser um «exclusivo» pela sua capacidade de criar um tecido de ajuda, colaboração, interações com o mundo exterior, valorizando os leigos com um estilo absolutamente novo para aqueles tempos.

Um vasto campo a aprofundar do qual mencionarei apenas alguns episódios e protagonistas.

Dom Bosco era amigo de Silvio Pellico, poeta e patriota, que o ajudou a encontrar as palavras certas para as várias composições musicais que enriqueceram o repertório da Escola de Canto de Valdocco. "Anjo do meu Deus", "Ahi que trompeta horrível" são alguns resultados desta singular associação. Além de letrista, Silvio Pellico também atuou como intermediário entre Dom Bosco e a Marquesa de Barolo num momento de particular tensão.

Sabemos que a nobre escolhera Dom Bosco como responsável pelo seu "pequeno hospital", onde eram acolhidas meninas pobres e doentes, abandonadas a si próprias. Até mesmo a Marquesa havia experimentado em primeira mão o desconforto juvenil da época, visitando a seção feminina das prisões senatoriais que ficavam bem em frente ao Palazzo Barolo.

Depois de receber o não do padre que tanto desejava o seu serviço, a mulher ficou ofendida e vingou-se "negando-lhe qualquer ajuda material". Foi Silvio Pellico quem, em vez disso, trabalhou na Óbra Pia Barolo, para aproximar estes dois gigantes da caridade de Turim. A Marquesa queria um texto sobre a Divina Misericórdia, Pellico enviou a informação ao ouvido de Dom Bosco que imediatamente o compôs: "Exercício da devoção à Misericórdia de Deus". A nobre entusiasmou-se com a obra e, fingindo não conhecer o autor, recompensou-o amplamente. Uma lufada de ar fresco para Dom Bosco sempre à procura de recursos para os seus meninos.

A Marquesa Giulietta Barolo dispensa apresentações. Ela substituiu seu marido Carlo Tancredi Falletti nas suas atividades de caridade e compromisso social, ela queria Dom Bosco para suas obras



e, depois de oferecer-lhe excelentes oportunidades, forçou-o a tomar uma decisão. Dom Bosco escolheu os seus jovens, a mulher expulsou-o e tirou-lhe o salário.

Mas nesta densa rede de contactos há toda a sociedade de Turim da época: um entrelaçamento de relações que toca todas as áreas e compõe uma página da história italiana e não só.

Numa época de movimentos revolucionários e de uma política hostil à Igreja Católica, o Marquês Camillo Benso Conde de Cavour, chefe do Quartel-General da Polícia entre 1835 e 1847, quis fechar o Oratório talvez sussurrado por informações que não correspondiam à verdade (os inimigos de Dom Bosco eram muitos). Considerava Valdocco um encontro perigoso. Convocado Dom Bosco, ordenou-lhe que fechasse as portas do Oratório e o Santo, respondendo respeitosamente, mas no mesmo tom, não se deixou intimidar. Embora tratado grosseiramente, Dom Bosco reprimiu a ira, declarou-se um cidadão fiel e honesto como todos os seus colaboradores e rapazes, disse ser obediente ao seu arcebispo e saiu porta fora. Enquanto Cavour obtinha as autorizações necessárias para proceder ao encerramento, o Conde Provana di Collegno, Ministro das Finanças, grande admirador do nosso Santo e do seu trabalho educativo, interveio a favor de Dom Bosco. Por diversas vezes dera subsídios ao Oratório, a título institucional e privado, e, nesse ano, recebera 300 libras com uma nota: "Para os travessos de Dom Bosco". Collegno era muito próximo do rei Carlo Alberto de Saboia que, por sua vez, estimava Dom Bosco e se mantinha constantemente atualizado sobre a sua obra. Informado da decisão do Quartel-General da Polícia, instruiu o Conde Provana a intervir na sessão em que o encerramento de Valdocco deveria ser ratificado e a ser o porta-voz da opinião contrária do soberano. Cavour foi forçado a declarar a assembleia fechada.

A tempestade entre os dois estava destinada a diminuir. Dom Bosco voltou, de facto, à casa de Cavour, para apagar todo o ressentimento. Em 1848, durante a primeira festa de São Luís celebrada em Valdocco, duas personalidades bem conhecidas desfilaram em procissão, com a vela numa mão e "Il Giovane Provveduto" na outra, e depois ajoelharam-se no altar e recitaram a fórmula de agregação à Companhia de São Luis: eram Camillo e Gustavo, os dois irmãos condes de Cavour.

Francesco Crispi também entrou na vida de Dom Bosco e na sua rede de relações. Exilado da Sicília para Turim, viu Dom Bosco, pela primeira vez, na rua com os seus rapazes e Dom Bosco reparou nele: um jovem cansado, visivelmente faminto e convidou-o a comer consigo. Os encontros tornaram-se frequentes, a caridade de Dom Bosco para com este menino emigrante chegava regularmente: comida, um par de sapatos novos, muita atenção.

E as relações continuaram mesmo quando Crispi, um anticlerical, maçom e hostil aos Estados Pontifícios, foi quatro vezes presidente do Conselho, ministro dos Negócios Estrangeiros e do Interior após a unificação da Itália. Houve também momentos de forte atrito. Dom Bosco, no entanto, acabava sempre por vencer mesmo nas situações mais delicadas. E será, mais tarde, o próprio Crispi a ajudar os Salesianos. Acharam extremamente difícil enterrar Dom Bosco em Turim e dirigiram-se a ele precisamente porque conheciam a estima que, apesar das divergências, o ministro tinha pelo padre. O jovem que virou ministro resolveu todos os problemas burocráticos.

Dom Bosco teve que lidar com os irmãos Massimo e Roberto D'Azeglio, em particular com Massimo, que, como senador, tentou pressionar Dom Bosco a tomar partido politicamente em troca de ofertas "*feitas a seu favor*" pela instituição de caridade e instituições da cidade.

É também uma obra-prima da inteligência relacional o diálogo que teve lugar a 6 de agosto de 1876, por ocasião da inauguração do troço ferroviário entre Ciriè e Lanzo, cujos frescos foram servidos



no Colégio Salesiano na presença de Dom Bosco e dos Ministros Depretis, Nicòtera e Zanardelli. Os três tentaram colocar Dom Bosco em dificuldade sem produzir qualquer resultado pelas suas respostas espirituosas, respeitadoras da autoridade, mas fiéis e irrepreensíveis ao princípio dos "bons cristãos, cidadãos honestos".

Os problemas entre Dom Bosco e os políticos da época eram uma constante dado o contexto histórico particular. Foram ordenadas buscas, Dom Bosco arriscou ser preso, teve de lidar com o ministro da Educação Pública Luigi Farini e, em seu auxílio, quando o governo, em 1875, quis impedir as obras salesianas que Dom Bosco abria na Ligúria, veio ninguém menos que Garibaldi. Inimigo jurado dos sacerdotes e da Igreja, informado das pressões sobre as obras salesianas, exclamou: "*Não incomodem Dom Bosco. É um padre que faz o bem.*"

Dom Bosco soube preservar uma liberdade transparente nestas relações, necessária para a sua missão, mas potencialmente vinculativa. Esta era outra competência relacional que tinha permitido o relacionamento com as instituições evitando compromissos. Dom Bosco falava da «política do Pai Nosso», um modo de interagir com a realidade político-social e económica que, talvez, devesse ser analisado e aprofundado hoje com um olhar sobre a realidade dos nossos dias.

As fileiras dos benfeitores de Dom Bosco eram infinitas: mulheres, homens, religiosos, leigos que o apoiavam, o ajudavam, defendiam a causa dos jovens e a sua educação, independentemente da classe social a que pertenciam. Tantos sacerdotes e leigos, aristocratas, simples trabalhadores, comerciantes, que de várias maneiras colaboraram no trabalho dos oratórios. Mulheres como a mamã Margherita, a mãe de d. Rua, a de Miguel Magone, a mãe do cônego Gastaldi, nobres, tal como o marquês Arconati, que o apresentou a Alessandro Manzoni, e os comerciantes, entre muitos, Giuseppe Gagliardi: dedicava cada momento livre e todas as suas poupanças aos jovens do Oratório a que chamava "*os nossos filhos*".

Uma "equipa", assente em relações sólidas e profundas, à qual se juntarão os Cooperadores e da qual Dom Bosco foi o indiscutível "treinador" mesmo quando nem tudo correu bem. Agora à beira da morte, não por acaso, repetirá várias vezes: "*Amai-vos uns aos outros*", a mesma recomendação de Madre Mazzarello, porque as relações autênticas têm a sua eternidade no amor.

Os empregadores não podem ser ignorados.

Dom Bosco sabia que os patrões exploravam os aprendizes. Não havia contratos escritos e as condições de trabalho quase desumanas devido ao cansaço e ao perigo. Dom Bosco apresentou-se aos patrões como fiador, mas exigiu-lhes regras precisas. Assim, na capital de Saboia pré-unificação, os primeiros contratos escritos para a aprendizagem têm a assinatura de Dom Bosco: em 8 de fevereiro de 1852, em Turim, na casa do oratório de San Francesco di Sales, o jovem aprendiz de carpinteiro Giuseppe Odasso assinou o primeiro contrato de "aprendizagem" em toda a Itália, em papel carimbado por 40 centavos, fiador precisamente Dom João Bosco. Por esta razão, os inspetores do trabalho, que lhe são dedicados, pediram ao CEI que atribuísse ao padre o papel de protetor dos inspetores do trabalho, função oficialmente reconhecida a partir de 9 de maio de 2022.

Dom Bosco é um dos santos sociais cuja memória permaneceu viva na cultura e devoção piemontesa, italiana e universal. Com Ele encontramos:



O Venerável Tancredi Falletti de Barolo e a venerável Giulia Falletti de Barolo. São José Cottolengo, São José Cafasso, São Leonardo Murialdo: todos fizeram parte da vida de Dom Bosco, com todos viveu uma fecunda teia de relacionamentos.

E devemos também recordar o abade Ferrante Aporti com quem as relações foram, durante muito tempo, tensas e tempestuosas, porque Dom Bosco não partilhava dos princípios pedagógicos e da educação na fé. Mas quando se tratou de se aliar à Igreja Católica, o revolucionário e, por vezes, ambíguo abade não hesitou em louvar sinceramente Dom Bosco e o seu sistema preventivo, o seu trabalho educativo em Valdocco, defendendo-o publicamente mesmo em momentos de grande tensão política e religiosa. A prisão juvenil, outrora Generala, tem o nome do abade Aporti, onde Dom Bosco tinha visto os jovens pela primeira vez. Ainda hoje o capelão daquela prisão juvenil é salesiano.

Portanto, depois deste panorama em que refletimos sobre as relações e nos concentramos em quão atuais são as escolhas, valores, ações de Maria Domingas Mazzarello e Dom Bosco, perguntamo-nos como podemos ser **visíveis, proativos, incisivos** hoje, nas nossas realidades, num mundo globalizado, em novos tempos, diferentes, talvez não muito, do passado que é o húmus de onde todos viemos. Húmus, a terra fértil, é também a raiz da palavra humildade: a grande virtude de Madre Mazzarello e Dom Bosco, sonhadores do impossível, realizadores de grandes feitos que nunca se mostraram.

Deixo duas questões para discutir em trabalho de grupo:

1. Como vivemos a nossa dimensão do secularismo a nível pessoal e associativo? (Pontos fortes e fracos)
2. Como saber criar relações entrelaçadas fora das realidades salesianas? (Riqueza ou dificuldade ou...)

Termino com um presente preparado para nós por Avisa, uma aluna minha de doze anos de origem iraniana.

A pensar no entrelaçamento das relações, pedi-lhe que desenhasse um dos belos tapetes que, há séculos, são feitos no seu país e que, ainda, fazem na sua casa. E para me explicar como fazê-lo. Nas suas palavras encontramos, talvez, a síntese do que partilhei convosco esta manhã.



"Antes de iniciar o trabalho é preciso preparar uma caixa de madeira toda envolta num fio de algodão branco resistente. Então imagina-se o desenho e prepara-se um projeto numa folha dividida em quadrados muito pequenos. A folha será colocada atrás da caixa para orientar a realização do tapete. Então tem que comprar o necessário porque a lã é colorida em casa e os materiais necessários são muito caros. Lápis-lazúli em pó é usado para plantas azuis, algumas secas e desfiadas para verdes, hena em pó para vermelho. Em seguida, misture os corantes com água fervente e mergulhe os fios de lã em água por um dia inteiro até que a cor esteja fixa. Por fim, espalhe os fios de lã coloridos ao sol até ficarem secos e prepare as bolas. Em seguida, o trabalho começa. Com um gancho forte, pegue num ou dois fios de lã e faça nós muito pequenos. É um trabalho muito cansativo e os nós devem ser bem apertados, com força, trabalhamos seguindo os quadrados do desenho: cada quadrado corresponde a um nó. Você prossegue de linha em linha, horizontalmente, e, no final de cada linha, dá um golpe forte com uma ferramenta semelhante a uma escova. Isso torna os nós mais resistentes e conseqüentemente o tapete. Em seguida, corte o excesso de fios e comece novamente com a próxima linha. Aprender a fazer tapetes demora pelo menos sete ou oito anos: é muito difícil. Os desenhos dos tapetes são todos inventados, não há prontos. É preciso muito tempo e esforço, mas, uma vez terminados, os nossos tapetes são bonitos".

Os nós podem encadear ou criar relações entrelaçadas. A escolha é nossa.

Desejo que todos sejamos nós brilhantes que geram, no mundo, o maravilhoso plano de Deus.